

Momento Feminino: A mulher na imprensa

Caren Victorino Regis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil

O presente trabalho apresenta o projeto de pesquisa de doutoramento, em andamento, que trata do jornal *Momento Feminino: o jornal para seu lar*, que foi produzido pela imprensa comunista e se destaca por ter sido escrito e dirigido por mulheres.

Criado em 1947, *Momento Feminino* (MF), tinha como liderança mulheres do Partido Comunista do Brasil (PCB¹). O jornal foi publicado semanalmente², como indica em seu primeiro número, e a hemeroteca digital da biblioteca Nacional do Brasil possui números até 1956.³

Em seu primeiro número o semanário se destaca como um “órgão de luta auxiliar de todas as mulheres” (Jornal *Momento Feminino*, 1947). Em suas folhas o periódico trazia questões ligadas ao lar, à família e à criança, contos e romances, notícias sobre política, economia, cinema, rádio, educação, literatura. Michelle Perrot (2015) nos ajuda a entender a inserção das mulheres na imprensa e como o lugar de fala feminina trazia assuntos considerados próprios para as mesmas, *Momento Feminino* corrobora essa

¹ Segundo o verbete disponibilizado pela Fundação Getúlio Vargas, o PCB é “o mais antigo partido político brasileiro, embora tenha atuado a maior parte de sua existência na ilegalidade. [...] Segundo algumas estimativas, o PCB, no início da fase de redemocratização, em 1945, contava entre dois e cinco mil membros, e em 1946, de acordo com Leôncio Basbaum, atingiu 180 mil membros inscritos.”

² “Durante seu período de atuação legal, o PCB dispôs de uma vasta rede de órgãos de divulgação, entre jornais, revistas, editoras e entidades culturais. Em 1946, o partido possuía oito jornais diários, alguns semanários e duas editoras.” (verboete da Fundação Getúlio Vargas)

³ Em 1948 o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade. “Apesar do cancelamento de seu registro, o PCB conseguiu manter seus órgãos de divulgação, porque uma parte de seus jornais e revistas não se apresentavam como seus órgãos oficiais.” Esse foi o caso de *Momento Feminino*. (verboete da fundação Getúlio Vargas).

afirmação, mas também traz uma imprensa militante que põe em cena outros tipos de leituras para mulheres, trazendo na direção dos nove anos do jornal *Arcelina Mochel*⁴. Alves (2015) problematiza as diferentes temáticas propostas pelo impresso:

Para se tornar atrativo ao público feminino, conservou algumas das características dos periódicos destinados às mulheres que circulavam no período. [...] Mas era direcionado principalmente às mulheres trabalhadoras. Tinha objetivos políticos demarcados. Até para falar de moda o falava a partir de outra linguagem, pensava no cotidiano das trabalhadoras e se posicionava criticamente ao fato das brasileiras se submeterem aos ditames da moda europeia. (p. 104)

Este jornal se propunha dialogar com “todas” as mulheres. Essa afirmativa é trazida no primeiro número do periódico e pode ser problematizada, pois indica que a pretensão da direção do jornal era atingir amplamente as mulheres, mas também demonstra o sentido que as mulheres eram diferentes, porém tendo algo de semelhante que poderia uni-las. Um exemplo dessa vastidão de pensamentos neste semanário, mesmo tendo uma direção de mulheres comunistas, é uma das reportagens sobre a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino⁵. Essa reportagem tratava sobre o aniversário da FBPF e da atuação de Bertha Lutz como deputada.

Ao analisar MF, verificamos que o mesmo possuía seções fixas, e a assinatura das reportagens era comumente feita pelas mesmas mulheres, assinalando ainda que muitas outras seções não eram assinadas. Entre as seções permanentes citamos: Nossos problemas, escrito por *Arcelina Mochel*, em que tratava de situações cotidianas da mulher, como exemplo, isonomia salarial, alto custo de vida, e a necessidade de hospitais e creches para as mulheres pobres. A temática da carestia permeava todo jornal, pois segundo o impresso esse tema era dirigido principalmente à mulher, à dona do lar que sabe os problemas dos altos preços dos alimentos. Dialogando com Perrot (2015), compreendemos que esse papel estava

⁴ O Dicionário de Mulheres do Brasil informa que: “*Arcelina* estudou no Liceu maranhense, fez a escola Normal e cursou a Faculdade de Direito do Maranhão. [...] Foi líder da bancada comunista e presidente da Comissão de administração e assistência Social da Câmara dos Vereadores da cidade do Rio de Janeiro.” (2000, p. 86).

⁵ A FBPF foi uma associação feminista criada em 1922 e tinha como uma de suas principais líderes *Bertha Lutz*.

marcado como sendo feminino. Pois, “o *motim por alimento*, eis o que convém para as mulheres. Guardiãs da casa e da comida são elas as eternas responsáveis por essa parte. É o seu dever. Sua missão.” (p. 146)

Um dos destaques do jornal é a coluna permanente “Livros”, que não possuía assinatura, e em seu primeiro número explicita que esse seria um espaço de divulgação de literatura brasileira e estrangeira “recomendáveis às mulheres”, em que “para esta coluna de livros pedimos aos senhores editores a remessa de um exemplar de cada obra publicada, para o nosso endereço – Momento Feminino – caixa postal 2013 – Rio de Janeiro. Contribuirá assim para a divulgação de suas edições aumentando o seu número de leitores e as *estantes de nossa biblioteca que estará sempre à disposição de nossas leitoras*” (Momento Feminino, 1947, grifos meus). Por esse excerto vemos que *Momento Feminino* além de um jornal também se propôs a construir uma biblioteca para suas leitoras, indicando os livros que poderiam ser lidos, e também disponibilizando os mesmos, caso fosse de interesse de alguma leitora. Um fato interessante a ser considerado é que os livros a serem divulgados passariam pela triagem do jornal, dessa forma não seria qualquer literatura a ser indicada, mas apenas aquelas *recomendáveis* à leitura das leitoras de *Momento Feminino*. Dessa forma, quais livros estariam nessa lista de recomendações das militantes do partido comunista? O que faria, assim, parte da biblioteca de *Momento Feminino* – a biblioteca recomendável às leitoras? Qual leitura estava autorizada e disponibilizada?

Uma imprensa feminina também tem assinalada uma seção sobre infância. Inicialmente uma coluna chamada puericultura, em que um médico ensinava a mãe os cuidados a ter com seu filho. O formato da coluna era um diálogo, e no primeiro número as leitoras eram convidadas a escrever para sanar suas dúvidas, e o aconselhamento era dado por um médico, o único a poder dar informações “corretas” sobre os cuidados com uma criança. Vale ainda mencionar que ao longo dos números um espaço maior dedicado à criança surgiu. Não apenas como “Puericultura”, que seria um aconselhamento às mães para compreender melhor o desenvolvimento infantil, mas sim, uma parte dedicada exclusivamente às crianças, com atividades de matemática, português, além de um espaço dedicado a receber as cartas de meninos e meninas, que eram publicadas no periódico. As crianças eram chamadas de so-

brinhos e sobrinhas, em referência a Tia Rosa, que escrevia a seção infantil.

Vemos que o publico leitor muda, da mãe que precisa aprender a cuidar de seu filho, para a criança que também pode participar desse espaço que é o jornal. Assim, o subtítulo de *Momento Feminino* – o jornal para seu lar demonstra que ao se pensar numa escrita para o lar, e para família, também se deve atingir a criança.

Uma das preocupações do jornal pode ser assinalada pela reportagem “Aprenda a ler” que tinha o intuito de alfabetizar as mulheres para que as mesmas pudessem ler o periódico: “Por sugestão de várias leitoras de *Momento Feminino* iniciamos hoje uma seção destinada a auxiliar as amigas que não podem lê-lo por não dominarem ainda a leitura. Seguimos a orientação da ‘Cartilha do Povo’⁶ distribuída pelo Ministério da Educação”⁷. A publicação desta cartilha surge após três anos do impresso e pode indicar o público que estas mulheres pretendem atingir, as mulheres não alfabetizadas.

APRENDA A LER
 1ª Lição

Maria Paula

Por sugestão de várias leitoras de *Momento Feminino* iniciamos hoje uma seção destinada a auxiliar as amigas que não podem lê-lo por não dominarem ainda a leitura. Seguimos a orientação da ‘Cartilha do Povo’⁶ distribuída pelo Ministério da Educação”⁷.

Para aprender a ler, primeiro devemos conhecer as letras. As letras são os sinais que representam os sons da fala. Elas são agrupadas em sílabas e formam as palavras.

As vogais são as letras que podem começar e terminar uma sílaba. São elas: a, e, i, o, u.

As consoantes são as letras que não podem começar e terminar uma sílaba. São elas: b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, y, z.

Para escrever corretamente, devemos prestar atenção na posição das letras e no tamanho das palavras.

Exercícios:

1. Escreva as vogais minúsculas: a, e, i, o, u.

2. Escreva as vogais maiúsculas: A, E, I, O, U.

3. Complete a cruz com as vogais:

	a	
e	i	o
	u	

4. Forme palavras com as vogais:

ai ou ui oi
 eu ei ia ao

Momento Feminino
 ARLETEIRA BRUNEL
 QUINZE ANOS
 Rua São Paulo, 100, sala 111
 São Paulo, Brasil - CEP 01308-000
 Telefone: (11) 3061-1111
 Fax: (11) 3061-1112

MOMENTO FEMININO 31-1-50

⁶ A *Cartilha do Povo* tem sua primeira edição em 1928, sendo de autoria de Lourenço Filho. A cartilha supramencionada esteve até 1995 no catálogo da Companhia Editora Melhoramentos, não havendo grandes modificações entre as diferentes edições. (Bertoletti, 2006).

⁷ Jornal *Momento Feminino*, 1950.

A prática de publicação de cartilhas se repete no periódico, assim, em 1954, outro material será publicado, porém com um enfoque diferente, será uma cartilha para ser utilizada pelas leitoras de *Momento Feminino*, que já sabem ler, e devem usar este material para alfabetizar adultos. Quem assina a cartilha é a professora Lydia Senna Campos do curso supletivo da Prefeitura do Distrito Federal. O semanário afirma que a professora tem longa experiência e “com esse método conseguiu alfabetizar em períodos de 3, 2, 1 mês e até mesmo em sete aulas” (1954).

<p>1.ª LIÇÃO</p> <p>PRIMEIRA PARTE</p> <p>a é i ó u a é i ó u</p> <p>h</p> <p>ha hé hi hó hu ha hê hi hó hu ai Hou eu iu hei</p> <p>SEGUNDA PARTE</p> <p>v — va vê vi vô vu f — fa fé fi fô fu p — pa pé pi pô pu l — la lê li lô lu b — ba bê bi bô bu m — ma mê mi mô mu t — ta tê ti tô tu n — na nê ni nô nu d — da dê di dô du</p> <p>TERCEIRA PARTE</p> <p>vi-da a-vô lei-to fa-ma teu pô-te leve boi-na vai nó ma-la to-do nó-va vovô pi-a da-ta fu-bá hou-ve lu-a mó pautá ta-ni vovô avô ipê dói.</p> <p><small>Observação — Na terceira parte as palavras serão formadas, aplicando-se aquelas sílabas. Poderão surgir assim muitas outras, devendo se preparar alguns questionários as sílabas para com elas formarem palavras que conheçam. Então-se, alternadamente, as letras manuscritas.</small></p>	<p>2.ª LIÇÃO</p> <p>(j g)</p> <p>ja jê ji jô ju</p> <p>gê gi</p> <p>Jo-ta gê-lo jo-bu jô-lo jai-la fo-jo gei-to lô-ja gê-ma nô-jo</p> <p>3.ª LIÇÃO</p> <p>ga gê gui gô gu</p> <p>ga-to la-gê-a gu-la gui-a go-le pa-gue vo-ga gu-me</p> <p>gai-vo-ta gui-na-da ga-gue-ja-va ge-mi-do bei-jo ga-ve-ta a-gon-i-a jo-guê-te ju-go</p> <p>4.ª LIÇÃO</p> <p>ra re ri ro ru (forte) rra rre rri rro rru ra re ri ro ru (fraco)</p> <p>(O professor explicará a razão do som forte e fraco)</p> <p>ja-iro ré-mo na-rra mou-ro mu-rrô du-ro rai-va ru-mo</p> <p>pa-re-de a-ri-mo a-ra-dô a-rrê-de a-ru-ci-ra má-ri-dô a-rrô-ja-dô ra-pa-da-ra ro-ti-nei-ro</p>
---	--

Podemos afirmar que a preocupação com a alfabetização de adultos estava veiculada desde o primeiro número do jornal, com as chamadas para que as mulheres alfabetizassem adultos, já que a função principal da mulher é educar, segundo o periódico.

Sinalizamos uma reportagem sobre a União Feminina do Flamengo, Glória e Catete, que apontou a criação de um curso de

alfabetização: “inauguração de um grande curso de alfabetização para mulheres em colaboração com o Serviço de Educação de Adultos da Prefeitura do Distrito Federal”⁸. Assim, percebemos que a temática educação estava presente fortemente no periódico, isso pode ser explicado quando pensamos junto com Perrot (2015) que dentre as reivindicações das mulheres,

O direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer. Essa reivindicação se acompanha de um imenso esforço de apropriação: leitura, escrita, acesso à instrução. (p. 159)

Com as temáticas apresentadas e demonstrando o desejo de ser amplamente divulgado, devemos pensar sobre a circulação do mesmo. Nos exemplares consultados constatamos que a venda do semanário se dava por números avulsos ou por assinaturas, em que as assinantes recebiam os jornais através dos correios, além de vendedoras por bairros, que receberiam prêmios pelas vendas realizadas:

Comunicamos às nossas queridas vendedoras que deliberamos estabelecer uma grande emolução entre as nossas “vendedoras” de O MOMENTO FEMININO, oferecendo um valioso prêmio a quem apresentar mais soma de venda dos exemplares, desta data a 1º de dezembro⁹.

Verificamos que o jornal supracitado tinha uma inserção entre as camadas mais pobres da população, realizando um trabalho do partido político que consistia em atender as demandas dessas pessoas, incluindo o acesso à educação. Tal demanda se configura num país com alto índice de analfabetismo, e que via na mulher uma “missionária” da educação, pois muitas seriam as semelhanças entre o professorado e a maternidade. Diante disso, nada melhor do que as mulheres do PCB adentrarem as favelas cariocas para possibilitar a alfabetização de adultos, aqueles que poderiam votar. Assim, pensando com Berstein (2009), entendemos que

⁸ Jornal Momento Feminino, 1947.

⁹ Jornal Momento Feminino, 1947.

A família, o sistema de ensino, o serviço militar, os locais de trabalho e sociabilidade, os grupos ou associações e as mídias vão aos poucos inculcando temáticas, modelos, argumentações, criando assim um clima cultural que prepara para aceitar como natural a recepção de uma mensagem de conteúdo político. A força de uma cultura política está em difundir seu conteúdo por meios que, sem serem claramente políticos, conduzem no entanto a uma impregnação política.

Desta forma, compreendemos que a ação do PCB se adunava a uma perspectiva de inserção política nas classes populares, e um dos meios para tal inserção foi a imprensa.

O impresso *Momento feminino: um jornal para seu lar* foi escrito e dirigido às mulheres, numa percepção de existência do que seria o *ser mulher*, um padrão de feminino que pudesse, assim, agregá-las em torno de temas e bandeiras de luta em comum: a paz mundial (campanha propagada pelo PCB após a Segunda Guerra Mundial), a *missão* de alfabetizar adultos, a busca por mais escolas e professoras primárias, e uma vida de qualidade para as mulheres e seus filhos pobres, cobrando a responsabilidade do poder público.

Dialogando com Chartier (2014), pensamos na indicação de leitura dos livros recomendáveis por *Momento Feminino*, tendo em vista que pensar sobre livros e leituras traz indícios sobre como “o livro é, portanto, o depósito de conhecimentos poderosos, mas temíveis”. Pois “Se, evidentemente, deve-se ler para aprender, é necessário também aprender o que se deve ler, e como se deve lê-lo.”¹⁰. Devemos aprofundar ainda no entendimento que mesmo a leitura (e escrita) de outros textos, como de um periódico comunista evidencia que:

Uma tensão que atravessa toda a história da cultura escrita é a que enfrenta as autoridades, que tentam impor o controle ou o monopólio sobre o escrito, contra todos aqueles e, ainda aquelas para quem saber ler e escrever foi a promessa de um melhor controle de seu destino.¹¹

Assim, entendemos que a recomendação de leituras se dá para indicar o que seria bom, aceito para se ler, mesmo entendendo

¹⁰ Chartier, 2014, pp. 30 e 31.

¹¹ Ibidem. p. 30.

que naquele momento o PCB não era uma autoridade advinda do Estado, pelo contrário, era um partido que fora colocado na ilegalidade. Mas mesmo assim, podemos dizer que diferentes grupos *recomendam* leituras, aquilo que seria apropriado para se saber.

Pensar as diferentes colunas do jornal, e como as mesmas estão dispostas nos leva a compreender que “a disposição na página, a ilustração, os cortes produzidos na narrativa, a tipologia empregada, a diagramação, tudo indica um leitor e uma forma de leitura”, tendo em vista que existe “um protocolo de leitura que esses dispositivos textuais tendem a impor. Toda escrita inscreve nos textos convenções sociais e literárias que permitem uma espécie de pré-compreensão, e as formas narrativas escolhidas provocam efeitos de leituras quase que obrigatórios. Esses protocolos induzem a maneiras de ler.”¹².

Considerações iniciais:

Apresentamos parte do projeto de doutoramento, que está em andamento, e sinalizamos a importância da educação das classes populares para o Partido Comunista do Brasil (PCB), ainda nas décadas de 1940 e 1950. Além de demonstrar que a imprensa foi um importante veículo dos partidos para divulgação de suas idéias. Imprensa esta dividida por categorias, entre elas as mulheres, que além dos conteúdos políticos, tinham na página do semanário contos, romances, culinária, cuidados com o lar, e a importante propagação da idéia da mulher como educadora, uma “missão” feminina que deveria ser aceita e desenvolvida, assim alfabetizando o maior número possível de adultos em um país de grande número de analfabetos. Mas vale mostrar que estas mulheres mesmo seguindo a ordem “natural” da época, conseguiram abrir espaço e adentrar na política, cena pública que era dirigida prioritariamente por homens.

Estamos pensando sobre fatos das décadas de 1940 do Brasil, estamos falando sobre mulheres, professoras, políticas. Hoje, ainda em 2018, temos poucas mulheres na vida política de nosso país, aproximadamente 10%, além disso tivemos apenas uma presidenta eleita em toda nossa história. Isso demonstra como a história fala sobre o presente, como as questões indagadas são suscitadas por questões atuais.

¹² Barbosa, 2010, p. 56.

Podemos chamar de considerações iniciais, pois apresenta o início da pesquisa sobre *Momento Feminino* e como um jornal de um partido político pode trazer em si questões para pensarmos a alfabetização das classes populares no Brasil, e como a cultura política adentra na sociedade para além da configuração eleitoral, estando nos meios de comunicação e, inclusive, na educação. Assim, a cena política brasileira sempre foi espaço de disputa, não estando restrita às eleições, perpassando, inclusive, pelos jornais/pela imprensa.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – seção Bahia (1942 – 1949)*. Feira de Santana: Dissertação de mestrado da Universidade estadual de Feira de Santana, 2015.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BERSTEIN, Serge. “Culturas políticas e historiografia.” In: Azevedo, Cecília. et. AL. *Cultura política, Memória e historiografia*. RJ, FGV, 2009.

BERTOLETTI, E.N.M. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha Upa, cavalinho!* São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro.” In: BURKE, Peter (org). tradução de Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, Carlos Henrique de, INÁCIO FILHO, Geraldo. “Debates educacionais na Imprensa”. In: SCHELBAUER, Anaete Regina, ARAUJO, José Carlos Souza. *História da educação pela imprensa*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

CHARTIER. R. Ler a leitura. In: MORTATI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S.(orgs) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. São Paulo: UNESP, 2014.

- _____. Diferença entre sexo e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp/Campinas, n.4, 1995.
- _____. “O mundo como representação.” *Revista Estudos Avançados*, n. 11, 1991.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel Ed, 1988.
- CHAVES, M. W. “Desenvolvimentismo e pragmatismo: o ideário do MEC no anos 1950.” *Cadernos de Pesquisa*. V. 36, n. 129, set/dez, 2006, p. 705-725.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SO: Ed. Unicamp, 1996.
- LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello, XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- MARTINS, A. L.; LUCA, T.R. de. (orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MATTOS, David José Lessa. *O espetáculo da cultura paulista: teatro e TV em São Paulo (1940 – 1950)*. São Paulo, Códex, 2002.
- MIGNOT, A. C. “Entre zonas de sombra: apontamentos sobre as escritas infantis.” In: MORTATI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S.(orgs) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático*. São Paulo: UNESP, 2014.
- NOSELLA, Paolo. “A linha vermelha do planaeta infância: o socialismo e a educação da criança”. In: FREITAS, M.C. de;
- KUHLMANN JR., M. *Os intelectuais na História da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PERES, Fernando Antônio. “Estratégias de aproximação, sociedades de ideias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República”. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 11, jan./jun. 2006.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSK, Carla Bassanezi. “Estudos de gênero e história social”. *Revista estudos feministas*. Florianópolis. V. 17, n. 1, jan/abr. 2009.

PINTO, C.R.J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abrama, 2003.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (orgs). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

SCOTT, Joan.” História das mulheres.” In: BURKE, Peter (org). tradução de Magda Lopes. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SCUVERO, Sagramor. *Eu quero ficar homem*. Editora do Brasil S.A. s/d.

SOIHET, Rachel. “História das mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion,

VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REGIS, Caren Victorino. *A presença feminina na Casa do Estudante do Brasil (1931-1951): a atuação da União Universitária Feminina*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, J. L. F. “Os “combatentes da paz” – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela proibição das Armas Atômicas (1950).” *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, jul/dez. 2008, p. 261-283.

TEIXEIRA, Roberta Guimarães. *As representações do ‘ser mulher’: a mãe-educadora e a professora primária através da imprensa feminina (1852-1888)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

TORRES, Juliana Dela. *A representação visual da mulher na imprensa comunista brasileira (1945/1957)*. Londrina: Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Londrina, 2009.

Referências documentais:

Momento feminino: um jornal para seu lar. Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1947 a 1956. (hemeroteca digital).